



ARTÍCULO | ARTIGO | ARTICLE

Fermentario V. 17, N° 2 (2023)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias
de la Educación, Universidad de la República.

www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

Por uma poética da língua migrante: devir-língua
pela voz

*Para una poética de la lengua migrante: devenir-
lenguaje por voz*

For a poetics of the migrant language: becoming-language by voice

Sônia Matos¹

DOI: <https://doi.org/10.47965/fermen.17.2.5>

Recibido: 4 de julio de 2022.

Aceptado: 17 de noviembre de 2022.

Resumo

A pesquisa mostra o movimento da língua de senegaleses e de haitianos em ateliês de conversação propostos entre 2019 e 2020, junto um coletivo para migrantes, no sul do Brasil. Pelo método cartográfico, investe-se no maneirismo poético literário ao modo da *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* de Georges Perec (2016), por meio de

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

três blocos: a poética de encontro de uma língua, o fluxo dos ateliês de conversação e um possível devir-língua-migrante pela voz. Ao final, afirma-se nos ateliês de conversação que a língua migrante é feita pela extração da poética entre-línguas, que estão em constante e tensa movimentação das potências extraídas pela expressão de um devir-língua-voz.

Palavras-chave: Educação, Cartografia; Língua; Agramaticalidade

Resumen

La investigación muestra el movimiento de la lengua de senegaleses y haitianos en talleres de conversación propuestos entre 2019 y 2020, junto un colectivo para migrantes, en el sur de Brasil. A través del método cartográfico, invertimos en el movimiento poético literario a la manera de *Intento de agotar un lugar parisino* de Georges Perec (2016), a través de tres bloques: la poética del encuentro de una lengua, el fluir de los talleres de conversación y un devenir posible. Lengua-migrante a través de la voz. Al final se afirma en los talleres de conversación que la lengua migrante se hace extrayendo las poéticas entre lenguas, que están en constante y tenso movimiento de las potencias extraídas por la expresión de un devenir-lengua-voz.

Palabras clave: Educación, Cartografía; Lengua; agramaticalidad

Abstract

The research shows the language movement of Senegalese and Haitians in conversation workshops proposed between 2019 and 2020, together with a Association for migrants, in southern Brazil. Through the cartographic method, we invest in literary poetic mannerism in the manner of Georges Perec's *Attempt to exhaust a Parisian place* (2016), through three blocks: The poetics of the encounter of a language, the flow of conversation workshops and the possibility of a becoming language-migrant through the voice. In the end, the migrant language is affirmed in the conversation workshops by extracting the poetics between languages that are in constant and tense movement of the powers extracted by the expression of a becoming-language-voice.

Keywords: Education; Cartography; Language; Ungrammaticality

Sobre a investigação

Vem a pesquisa em educação, com o tema da língua migrante propondo uma

experiência em ateliês de conversação *com/junto* aos imigrantes e migrantes negros do Senegal e do Haiti, assim, afirmando a língua em fluxo de agramaticalidade pelos migrantes residentes na cidade do sul do Brasil que frequentam aulas de língua portuguesa no espaço de um coletivo que, semanalmente, entre 2019 e 2020, encontraram-se para ateliês de conversação.

O modo de escrita e o método desta pesquisa misturam-se; pode-se dizer que é um tipo de pesquisa de força cartográfica. Ela se faz para mostrar o mapa de afecções de uma cartografia (Costa, 2014) que é a(traí)do pela poética da literatura de Georges Perec (2016), especificamente na obra *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. estilisticamente analisado como parte de uma experimentação para o método de pesquisa e escrita. Com Perec (2016) acontece o estilo particular para o texto: de amostragens em listas, catalogações numéricas e divisões de elementos ao modo de um diário estilístico, assim, deixando ao leitor rastros do que se passa numa linha de escape dos ateliês de conversação experimentados como a pesquisa da dissertação.

Por isso, convidamos o leitor a conhecer o procedimento baseado num tipo de método-livro de pesquisa (Costa e Pujol, 2020) como parte de outro modo de pesquisar em educação e de escrita acadêmica em educação. O texto se declara ao modo de conversação de algo que se ensaia na espreita do clássico literário de Perec (2016). Ainda sobre a cartografia (Costa, 2014; Costa e Pujol, 2020), ela pode extrair singulares dos recintos geopolíticos, como os ateliês de conversação, que atravessam a nossa posição de investir numa língua migrante, apresentando-a por meio de linhas passíveis de cartografiação, fazendo um tipo de maneirismo literário composto entre a escrita e leitura de Perec (2016) e o que se passa lá.² Tal decisão de pesquisa acadêmica habita potência de agir pelo ato literário de extração de alguns elementos de singularidade e de fragmentos caóticos do que se passa no espaço-temporal dos ateliês, mostrando voz, sons e palavras, de alguns personagens da língua negra migrante senegalesa e haitiana.

Insistimos, sobre a explicitação do modo de escrita do tema deste artigo, para que ela ganhe algumas artesarias da dissertação, ou seja, ao modo de conversação se escreve e vive a textura deste texto acadêmico e a literatura poética de Perec (2016). Por isso,

² Aqui se passa uma escolha da política do texto poético retirado do estilo Perec (2016), no nosso escrito toda vez que aparecer lá, estamos nos referindo aos ateliês de conversação.

convidamos o leitor a entrar nos ensaios conceituais de modo poético, enquanto faz a leitura dos resultados desta pesquisa. Neste ritmo, recolocamos o tema deste trabalho: os movimentos da língua migrante em fluxo de conversação nos ateliês³ do coletivo.

Neste texto, são mostradas as conversações por meio de um tipo de escrita da cartografia da pesquisa, atravessada pelas inquietações de uma professora de língua portuguesa cansada do português normativo e gramatical e pelo seu gosto pela literatura. A professora-pesquisadora investe nos ateliês de conversação sensibilizada pelas intensidades da vida e das línguas dos (i)migrantes, sem ignorar que em meio à pandemia, são traçadas outras forças. Faz-se desta pesquisa e deste texto escritas assimétricas de escrita acadêmica (Costa, 2017), agarradas pelo desejo de expandir para competências de maneirismo literário inventado pela necessidade de quem pesquisa *com* educação em meio a vida. Algumas dessas condições de possibilidade apresentadas na pesquisa permitem abrir-se a língua como parte de uma língua por vir, e sem pretensão de fechar o debate, mas de estendê-lo ainda mais na academia. A investigação é encerrada quando se assume os ateliês de conversação pela língua migrante em movimento de voz como gotícula de uma poética.

Antes da pandemia ou a(trai)do pela poética de encontro de línguas

Data:⁴ 2019

Dados-fluxo: Método-livro de maneirismo literário para extrair uma poética de uma língua negra migrante.

Indivíduos lá:⁵ Ateliês de conversação um coletivo para imigrantes. Senegal e Haiti, Brasil.

Uma vida-de-professora-pesquisadora (Maruju, 2019) e lá estava um emaranhado de inquietações sobre essa tal língua que era —e ainda é, ué!— ensinada no coletivo. O

³ Este artigo faz parte da dissertação o Grupo de Estudos Pedagogia da Diferença, no Programa de Pós-Graduação em Educação.

⁴ Sobre a leitura e operação de experimentações de performance de escrita literária partindo de Georges Perec do livro *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* (2016), iniciaremos todos os itens do artigo com a sequência de data e outros itens de identificação como parte do ensaio de experimentação poética dentro do texto acadêmico e que foi feita a pesquisa de mestrado.

⁵ Aqui se passa uma escolha da política do texto poético retirado do estilo Perec (2016), no nosso escrito toda vez que aparecer lá, estamos nos referindo aos ateliês de conversação.

coletivo é uma associação de voluntários que começou no ano de 2016 por iniciativa de um imigrante senegalês, que começou a promover aulas de português e eventos de confraternização para imigrantes que estavam na cidade. Uma instituição de ensino superior cede espaço para a realização das aulas em três salas, para três turmas, uma de português básico, uma de intermediário e outra de cultura e conhecimentos gerais. Neste espaço se investe na proposta de ateliês de conversação, que se faz pelo projeto de dissertação da pesquisa,⁶ desde 2019.

Nos encontros semanais das aulas deste coletivo voltados para a língua portuguesa brasileira, mistura-se a língua negra, senegalesa e haitina. O português, não o brasileiro que fala português do Brasil, digo, o brasileiro. A língua de ensino da gramática dita pela voz da professora não faz exigência do brasileiro, mas sim a gramaticalidade – vozes sussurrantes de línguas os dois lados da cabeça direita e esquerda- para cima e para baixo.

Havia uma língua para movimentar junto ao coletivo. Flerta-se com o escrever que faz voz de conversação nesta pesquisa e movimenta intensidades das vidas de (i)migrantes senegaleses e haitianos, negros. Essas vidas-vozes entram no texto da pesquisa pelas intensidades da vida, nada explicaremos *sobre* a vida deles e delas, nada falaremos pelo outro. Para escrever com o que se passa nos ateliês, o gramatical vai pouco a pouco se esvaindo, a(trai)do pela poética da língua migrante. Abre-se espaço para possibilidades de escrita da experiência de mistura de línguas.

Da poética, tenta-se imprimir no ritmo deste texto escrito o a(trai)do pelo hábito de fazer da língua de um tipo de cartografia de estilo de gesto escrito, diário de conversação; investindo numa poética de especificidade viva de “uma comunidade de dados sensíveis”, de “maneiras comuns de perceber, de ser afetado e de atribuir sentido” (Rancière, 2010, p. 145). Neste estado de poética pela língua negra migrante não se debruça, neste texto, ao discurso de escrever *sobre* negro e *sobre* o (i)migrante por dentro das políticas identitárias; destacamos, reiteradamente, que investimos na construção de experiências do sensível pelas palavras da voz que se misturam em meio aos dialetos e falas de expressões impostas ao conteúdo quando se vive entre-línguas —

⁶ A aprovação do projeto pelo comitê de ética, sob número do parecer comitê de ética: 3.952.153 e CAAE: 29924620.9.0000.5341.

agramaticalidade— possibilitando as *assignificações* que se constituem pelo sensível da voz, da poética respirada pelas vias vocais “do possível” (Rancière, 2010, p. 151) do que se passa, lá, nos ateliês de conversação.

Pela conversação, os ateliês investem na ação da deriva da palavra voz pelo ritmo do que pode o encontro entre-línguas, com menos submissão ou, quase nada à palavra de ordem da língua portuguesa. Retira-se dos ateliês a força do que pode a voz que articula expressões em devir-(i)migrante, devir-negro, devir-Àfrica; o devir sempre é minúsculo, sem parada institucionalizada da expressão de uma língua. A conversação faz agitação de partículas da voz que dançam, pois, a língua abre sentido para uma potência de devir-migrante.

A a(trai)ção/traição parte deste texto que escreve junto aos ateliês de conversação, no caso, o leitor vai localizar dados de alguns elementos cartográficos de diários literária, da seguinte forma: data, dados-fluxo e indivíduos, lá; no decorrer da leitura faz-se listas enumeradas (Perec, 2016) ao modo da poética de arquivo como parte do método-livro. Tal descrição cartografada é a própria articulação dos sentidos dos dados da pesquisa (o que se passa nos ateliês de conversação) tomados de maneira móvel, em fluxo (Corazza, 2009), porque assim libera a língua como parte de uma existência e põe-se mostrar alguns movimentos da língua migrante (não *sobre* a narrativa do outro), investindo nas experimentações com os indivíduos participantes dos ateliês. Tal *text^oura*⁷ requer ir ao encontro desta literatura de Perec (2016) arrastando-as para a expressão da escrita para um o texto acadêmico e com ele, fazer mostragens de expressão, criando a consistência de uma política de texto para o método-livro (Bedin e Pujol, 2020).

As experimentações dos ateliês, lá, ganham sonoridade de língua migrante que são dispostas pela breve entrada nas palavras imigração e a migração, elas são levantes que mostram pela vida dos participantes a força geopolítica (Guattari, 1987) e não estão negligenciadas na constituição deste estudo, mas, ao mesmo tempo, não são focos de discurso direto dele, então, é pela poética agramatical que se mobiliza o tensionamento da migração contemporânea.

Eco (2020), em uma conferência sobre as perspectivas do terceiro milênio ocorrido em Valência, em 1997, fez um discurso que mencionava como os anos 2000 marcariam um

⁷ Texto+textura = Textura. Não é erro de digitação é nossa poética agramatical de escrita.

tempo em que presenciáramos uma mestiçagem de culturas na Europa e mundial. Estamos em meio à constituição de um *melting pot*: diversas culturas coexistindo, praticando tensas tradições e línguas e se encontram em pontos de tensionamento com o comum e torção, sempre no limite com a relação de língua veicular.

O espaço geopolítico, assim ocupamos o ateliê, se faz pela voz, tomado como fluxo de linhas de devires (Deleuze, 1997) arrastadas por ruídos de uma língua de ressonâncias em experiências cartografadas pelo método-livro, tomadas pela atmosfera sem temáticas inicialmente determinadas. Querem fluir a escuta de sua própria voz, já que são espaços para a língua em encontros que vêm em festa de partículas em agitação, são o próprio exercício de estilo de nossos sons sobre a gagueira diante da língua maior (português) que abrem os ateliês como espaços de linhas que mais ricocheteiam o agir da língua migrante ao som do que diz: presente!

Esse tipo de língua tende a atingir um espaço de transpassar a linearidade de regras finitas do português padrão e majoritário; nos ateliês, se faz uma língua que se esquiva desta imposição padrão; para tal, localiza na agramaticalidade gotículas de existência pela voz de uma língua em devir, com tal posicionamento em que possíveis do limite desta experiência abrem “uma rotação de ponto de vista sensível” (Didi-Huberman, 2022) pela voz migrante. A poética sensível desta rotação constitui-se como espaço da voz como movimento da língua migrante, que defendemos como uma poética disjuntiva *sobre* a língua portuguesa (padrão), extraída desta pesquisa.

Lá, em alguma parte de 2020, os ateliês acontecem em virtualidade dupla, porque a segunda parte das conversações fez-se virtualmente via Google Meet e WhatsApp, ainda assim, espaços extremamente geopolíticos; os espaços *on-line* de aplicativos para mensagens instantâneas ficam armazenadas em nuvens airoas produzindo uma coletânea de conversações por meio digitais. A sonoridade da voz salta pela necessidade da catástrofe pandêmica que nos invoca a presença da distância ou ao impedimento da presença nos ateliês quando se vive a pandemia. A voz das coletâneas digitais ora silencia ora se registra em conversações. Elas precisaram escorrer para outros espaços deste método a(trai)do de mapa de afecções escritos.

Ainda, a professora-de-português do coletivo representante de um sistema de língua-maior podendo atacar sempre inadequações sintáticas, ortográficas ou coesivas ocupa

muito o espaço com a língua maior, decide fazer conversação pela experimentação de língua (Matos, Castro, Cavion, Pacheco y Rech, 2020), tateando os sons, palavras e expressões, por isso os ateliês, para movimentar a relação de poderes no encontro com a língua migrante.

A conversação é entrecortada por micro-movimentos de partículas inencontráveis, matérias de língua anônima, finas fissuras de linhas de voz – que são, também, existências geopolíticas, ou, dito de modo- produções de agramaticalidade (Deleuze e Guattari, 2011a, 2011b; Deleuze, 1997) de uma língua migrante. Eis o fluxo de ateliês de conversação pela marca da língua migrante:

Fluxos dos ateliês de conversação pela marca da língua migrante

Data: Infundável 2020

Dados-fluxo: Conversação como conceito-operativo

Indivíduos, lá: Senegaleses e haitianos

Começos também começam ao acaso. Já estavam lá os sinais de um deles perfeitamente instalado, invisível em sua não-previsibilidade. Eles podem ficar encubados por anos à espera de uma oportunidade para pular. Difícil saber quando um começo se instalou. Os começos são uma espiral e ligam-se a outros tantos acontecimentos que já nos passaram e ficaram guardados em profundezas ou rasuras do nosso ser mais ou menos tempo de catástrofe (Pelbart, 2020), não se sabe se a continuidade desta pandemia, “mas na constatação de que as coisas continuam como eram” (Pelbart, 2020). Palavras de Pelbart, no *live Assombro e Esgotamento* (2020):

A conversação não começa no começo, ela já está atravessada pelo meio de uma pandemia da doença covid-19 “de modo que há uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela – e isso também foi naturalizado” (Krenak, 2020) comenta krenak, u/m escritor da comunidade indígena krenak: “o amanhã não está à venda” (Krenak, 2020), enquanto discursa sobre a naturalização da pobreza estabelecida pelo girar do capitalismo frente à covid-19.

Com o passar dos dias pandêmicos, há um silêncio no grupo de WhatsApp do coletivo e

pelo *Meet* semanal que nos encontrávamos. Parece que sem internet ninguém escreve, ninguém, ninguém pode estar no espaço de conversação. Abre-se no espaço virtual, aparecem recomendações preventivas a covid-19: use máscara, use máscara, lave as mãos, lave as mãos, passe álcool em gel, passe álcool em gel, use máscara, lave as mãos, passe álcool em gel; então, mesmo antes do início de 2020, o vírus crescia como fermento, eis nossa coleção de datas:⁸

31 de dezembro de 2019, 44 casos de covid-19 são divulgados pela china;

11 de janeiro de 2020 casos começam a aparecer em outras partes do mundo essa era a época de férias escolares no Brasil e muitos estavam passeando por aí sem nem sequer ter a mais ínfima ideia de que o mundo iria entrar na maior crise sanitária da contemporaneidade;

13 de janeiro de 2020 Tailândia assume casos da doença do novo coronavírus;

20 de janeiro de 2020 Estados Unidos começam os comentários das bolsas de valores afetadas pela doença covid-19;

21 de janeiro de 2020 Japão assume casos da doença do novo coronavírus;

21 de janeiro de 2020 Coreia do Sul porque no Norte ninguém sabe o que acontece;

21 de janeiro de 2020 cancelamento das festas do ano novo chinês;

24 de janeiro de 2020 Singapura assume casos da doença covid-19;

24 de janeiro de 2020 Vietnã assume casos da doença covid-19;

25 de janeiro de 2020 Austrália assume casos da doença covid-19;

25 de janeiro de 2020 França assume casos da doença covid-19;

25 de janeiro de 2020 Nepal assume casos da doença covid-19;

26 de janeiro de 2020 Malásia assume casos da doença covid-19;

27 de janeiro de 2020 Canadá assume casos da doença covid-19;

28 de janeiro de 2020 Alemanha assume casos da doença covid-19;

28 de janeiro de 2020 Camboja assume casos da doença covid-19;

⁸ A lista para fazer essa coleção de datas foi retirada de inúmeros sites de pesquisa da plataforma Google.

- 28 de janeiro de 2020 Srilanka assume casos da doença covid-19;
- 29 de janeiro de 2020 Emirados Árabes assume casos da doença covid-19;
- 30 de janeiro de 2020 Filipinas assume casos da doença covid-19;
- 30 de janeiro de 2020 Finlândia assume casos da doença covid-19;
- 30 de janeiro de 2020 Índia assume casos da doença covid-19;
- 31 de janeiro de 2020 Itália assume casos da doença covid-19;
- 1º de fevereiro de 2020 Espanha assume casos da doença covid-19;
- 1º de fevereiro de 2020 Reino Unido e todos os países caindo feito fliperama da cascata de moedas diante de casos da doença covid-19;
- 1º de fevereiro de 2020 Rússia assume casos da doença covid-19;
- 1º de fevereiro de 2020 Suécia assume casos da doença covid-19;
- 5 de fevereiro de 2020 Bélgica assume casos da doença covid-19;
- 11 de fevereiro de 2020 o coronavírus é batizado da doença covid-19;
- 15 de fevereiro de 2020 Egito chegou à África assume casos da doença covid-19;
- 15 de fevereiro de 2010 o dólar dispara;
- 18 de fevereiro de 2020 Irã assume casos da doença covid-19;
- 22 de fevereiro de 2020 Israel assume casos da doença covid-19;
- 22 de fevereiro de 2020 Líbano assume casos da doença covid-19;
- 24 de fevereiro de 2020 Kuwait assume casos da doença covid-19;
- 25 de fevereiro de 2020 Afeganistão assume casos da doença covid-19;
- 25 de fevereiro de 2020 Bahrein assume casos da doença covid-19;
- 25 de fevereiro de 2020 Iraque assume casos da doença covid-19;
- 25 de fevereiro de 2020 Omã assume casos da doença covid-19;
- 26 de fevereiro de 2020 Argélia assume casos da doença covid-19;
- 26 de fevereiro de 2020 Áustria assume casos da doença covid-19;

- 26 de fevereiro de 2020 Croácia assume casos da doença covid-19;
- 26 de fevereiro de 2020 Suíça assume casos da doença covid-19;
- 26 de fevereiro de 2020 Brasil assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Dinamarca assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Estônia assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Geórgia assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Grécia assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Macedônia do Norte assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Noruega assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Paquistão assume casos da doença covid-19;
- 27 de fevereiro de 2020 Romênia assume casos da doença covid-19;
- 28 de fevereiro de 2020 Bielorrússia assume casos da doença covid-19;
- 28 de fevereiro de 2020 Holanda assume casos da doença covid-19;
- 28 de fevereiro de 2020 Lituânia assume casos da doença covid-19;
- 28 de fevereiro de 2020 Nigéria assume casos da doença covid-19;
- 28 de fevereiro de 2020 Nova Zelândia assume casos da doença covid-19;
- 28 de fevereiro de 2020 Cientistas brasileiros sequenciam o coronavírus em tempo recorde de 48 horas;
- 29 de fevereiro de 2020 México assume casos da doença covid-19;
- 29 de fevereiro de 2020 San Marino assume casos da doença covid-19;
- 1 de março de 2020 Azerbaijão assume casos da doença covid-19;
- 1 de março de 2020 Catar assume casos da doença covid-19;
- 1 de março de 2020 Equador assume casos da doença covid-19;
- 1 de março de 2020 Irlanda assume casos da doença covid-19;
- 1 de março de 2020 Mônaco assume casos da doença covid-19;

2 de março de 2020 Armênia assume casos da doença covid-19;

2 de março de 2020 Indonésia assume casos da doença covid-19;

2 de março de 2020 Islândia assume casos da doença covid-19;

2 de março de 2020 Luxemburgo assume casos da doença covid-19.

1.^a semana de março de 2020: foi realizado um dia de inscrições para aulas de português oferecidas pelo coletivo para imigrantes. Inicialmente, seriam ofertadas, em 2020, três turmas: uma de português básico, uma de intermediário e outra de cultura e conhecimentos gerais. Dada a grande procura no dia da inscrição, foram acordadas quatro turmas, sendo duas de nível básico. Com o avanço do coronavírus a partir do mês de março, as aulas e os ateliês de conversação (presenciais) foram cancelados.

1.^a semana de março de 2020: a conversação, aquela força que eleva a potência de agir, acorda os afetos durante os encontros semanais agora acontece *online*. Aquela que corre em fluxo minúsculo feita de língua em movimento, língua migrante; palavra retirada do filósofo Deleuze (1997) diferente da conversa. A conversa está estaria fadada a cair em enunciados que mais funcionam como palavra de ordem, opinião, uma vez que a feitura de perguntas e a elaboração de respostas imediatas levariam ao consenso. Ela é par com o binarismo, a concordância, porque aqueles que conversam tendem a chegar em um consenso sobre o tom da comunicabilidade gramatical e da língua majoritária, institucionalizada. Quando discutimos, quando debatemos, precisamos da compreensão e estamos, assim, talvez mais impondo a comunicabilidade ou o senso comum ou até o bom senso.

2.^a semana de março de 2020: a conversação se faz pela experiência. Recusa-se a característica do consenso quando se fala junto ao coletivo; ela movimenta a língua fluida e, talvez, ainda as únicas questões que valem serem colocadas nesta experimentação são aquelas separadas por uma certa distância comunicativa (Deleuze e Parnet, 1998) entre-línguas. A dimensão do entre se faz pelos devires, do estar sob constante tornar-se algo pelo meio, com o meio, para fora da identidade negra e imigrante, numa extensão como tentáculos, uma proliferação signos heterogêneos (Deleuze e Parnet, 1998), a língua migrante é o *entre*. Por isso, o *entre* nós interessa, o que nos interessa é a experiência com a língua, o que se passa, o que são os possíveis

dos ateliês para extrair a língua migrante.

O imediatismo da fala como sonoridade e voz são um dos possíveis entre-líguas senegalesas, haitianas, brasileira e língua portuguesa. A conversação ocorre pelos cortes de segmentaridade da língua majoritária. Há vastos movimentos de parada da fala, da voz e do som, esses são cortes necessário que são arrastados por micromovimentos de uma língua migrante, essas pequenas segmentações de parada são distribuídas de modo diverso, são partículas inencontráveis, fissuras, linhas de tentativas (Perec, 2016) de expressão de uma experiência de língua negra migrante em luta num território geopolítico que entra em combate estético pelo o odor e étnica que passa pela língua. A língua é parte da geopolítica ou micropolítica (Deleuze y Guattari, 1998) pelo signo heterogêneo⁹ (Deleuze e Parnet, 1998) que se faz na língua negra migrante pela conversação. Essa língua ocorre no trânsito entre a gramaticalidade e agramaticalidade, adentra a acepção dos signos pela combinação e composição de palavras, sons, voz, frases e enunciados, ou seja, a língua como encontro micropolítico da conversação.

2.^a semana de março de 2020: língua como encontro micropolítico de conversação que procede pela dupla captura - a conversação povoada de signos heterógenos emitidos entre as vozes das línguas, estas, podendo estar como os próprios devires, algo que estaria fora ou sempre entre-líguas; o encontro está para o movimento de roubo.

10 de março de 2020: a conversação move uma experimentação de uma tentativa de humor diante do cotidiano de incertezas, de tropeços da pandemia, de desigualdades identitárias geopolítica. Do que pode um corpo que língua a língua a devora como língua migrante que trabalha nas ruas da cidade, no comércio autônomo de rua, hoje territorializado por muitos haitianos e senegaleses, como C. e K., que já se instalaram e se instalam nas calçadas centrais da cidade para a venda de produtos fazendo algum sustento diário. Este tipo de desigualdade geopolítica avança durante a pandemia pelo coronavírus, agrava-se cada vez mais, a política é despida pela necropolítica,¹⁰ ou é a

⁹ Uma relação de encontros a-paralelos como na relação orquídea-vespa/vespa-orquídea, em que ambas tornam-se partes necessárias para compor com outro signo heterogêneo, “a vespa torna-se parte do aparelho reprodutor da orquídea, ao mesmo tempo em que a orquídea torna-se órgão sexual para a vespa” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 9).

¹⁰ Esse conceito serve para descrever ao menos três características: ocorre em um contexto onde o estado de exceção passa a ser uma nova normalidade, a política se concentra em decidir sobre o deixar morrer e repete uma narrativa de uma guerra perpétua contra todos os tipos de inimigos. A ideia de necropolítica foi cunhada fortemente pelo camaronês Achille Mbembe, para descrever a onda de violência global, a

geopolítica do deixar morrer. Tal geopolítica classifica vidas remissíveis e outras que são desdenhadas. O medo da mão do outro é medo da violência da militarização, da policialização sobre o corpo negro migrante. O funcionamento da necropolítica reforça políticas de identidades pela via de dicotomias étnicas e sociais, colocando a economia em oposição à vida como efeito de micro geopolítica, como a voz de senegaleses e de haitianos migrantes participantes dos ateliês e de sociedades invisibilizadas.

4.^a semana de março de 2020: já iniciada a quarentena pandêmica instalada, botada, situada e assentada no nosso calendário sem fim; os protocolos de segurança, serão necessários para uma pesquisa? Os ateliês de conversação silenciosamente se fazem por urgência, no WhatsApp. Há falas para se conseguir comida, trabalho... senegaleses/as e haitianos/as, entre os meses de maio e junho 2020, fizeram da conversa uma conversação, ficando próximos pela língua, aquela que, por ora, se fazia existir aos modos de vida, em meio à vida, pela força de conseguir o básico para estar com outros em outro país, tendo a pandemia como força geopolítica produzida cada vez mais nesta ação de necropolítica (Deixe morrer! E, daí?¹¹).

2.^a mês de isolamento social: 2020 não cessa, a pandemia se estende, ganha dobras e daí marcamos o que *ah* ou há, a capacidade de estar em conversação com língua migrante quando escutando os áudios de *WhatsApp*. A geopolítica de uma língua se faz pelo sistema heterogêneo que é. Abre-se na mistura de vozes e línguas que despercebidamente nos afasta do gramatical para abrir os ateliês-vida como meio de poder de uma língua-migrante. Língua sem palavra de ordem, estamos como temor do modo em que se acelera a necrogeopolítica: amarrados por uma fina corda de vagalumes sonoros que baluciamos ao nomear tanto a língua do outro que por meio dela cortamos o mundo para dizer, enunciar, falar, expressar, exprimir, emitir, articular manifestar, afirmar, asseverar, informar, expor e resistir essa onda racista disparada pelo assassinato de George Floyd¹² em Minneapolis.

partir dos atentados às Torres Gêmeas, em Nova York. É que a política tradicional, que para além de suas falhas e contradições buscava assegurar a vida, está sendo substituída por uma que deixa morrer. A necropolítica é a política do deixar morrer (Gudynas, 2021).

¹¹ “E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?”, diz Presidente Bolsonaro sobre recorde de mortos por coronavírus. Reportagem 28 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos-por-coronavirus.shtml>. Acesso em: 30 abr. 2020.

¹² No dia 25 de maio de 2020, George Floyd —notícia pode ser acessada em todos os sites mundiais e

3.^a mês de isolamento social: as vozes no WhatsApp sonorizadas, agressivas e violentas; vozes invisibilizadas e silenciadas por uma simples dissimulação do conflito entre-línguas. Em uma das conversações pelo WhatsApp com o C., que chegou no coletivo em 2011 e entre idas e vindas já trabalhou como vendedor, designer gráfico e modelo, ele conta que namorou por três meses, até que ela disse que precisava terminar, a família não aceitava um namorado tão preto, era muito preto para os pais dela, a família diz que até aceitaria um menos tão preto. C., com sua cor, ultrapassava os limites do *pretume* impostos pela família. Ele estava à mercê de um sistema de relacionamentos afetivos branco, educação branca, homens e mulheres brancos de si um sistema de branquitudes de língua branca. C. afirmava que a língua migrante não faz domínio sobre outra língua, ela é o corpo da cena negra, cena de língua migrante abre a geopolítica da língua branca.

3.^a mês de isolamento social: vem sendo o mês das efervescências, o covid-19 continua deflagrando as mazelas das mazelas da pobreza num validar a necropolítica habitando espaço de túmulos e valas de fome a céu aberto pela própria catástrofe geoeconômica. Há um tipo de auxílio financeiro emergencial como benefício concedido pelo Governo Federal, destinado a trabalhadores informais, microempreendedores individuais, autônomos e desempregados durante o período de crise da pandemia de covid-19, valor de 600 reais para até 2 (dois) indivíduos da mesma família ou 1200 reais para mulheres chefes de família sem marido ou companheiro. Foi anunciado, ainda no final de março, com a sua parcela primeira paga em abril. Um pré-requisito para conseguir o auxílio é ter CPF, porém muitos imigrantes não têm. Uma das haitianas tem dados incompletos, pois seu CPF está suspenso pela divergência de grafia no nome dos pais, seus pais não existem mais e nem documentos em seu país para emitir novos dados. E os imigrantes com filhos não conseguem inclui-los nos dados para solicitar o auxílio, eles se deparam solicitando pelo WhatsApp no ateliê de conversação. A língua migrante se faz presente diariamente, as fronteiras de institucionalização da língua se borraram. Quando se faz

reportagens— foi assassinado por um policial em Minneapolis, após uma abordagem ter sido feita por ele ter supostamente tentado utilizar uma nota de 20 dólares falsa em um supermercado. A ação foi filmada por pedestres que passavam pela rua naquela hora e mostram a crueldade do policial branco que pisava no pescoço de George, afro-americano, enquanto ele dizia por várias vezes a frase: “Não consigo respirar”. Após o ato, inúmeras manifestações começaram a se espalhar pelos Estados Unidos e em poucos dias ganharam o mundo. O movimento Black Lives Matter correu o planeta e contou com a representatividade também de artistas e esportistas, uma frase se torna uma poética de língua menor.

língua migrante, é pela força de vida que quer viver.

Cinco panos de pratos por 10 reais vendidos na sinaleira pelo senegalês M. Ele conta que trabalhava como pedreiro, e que agora, fez o que muitos imigrantes já estavam fazendo nas avenidas e calçadas: vende meias, calças, blusas, relógios, bijuterias, tênis. Eles chegam com um carrinho de feira e começam a desempacotar aquela montoeira de coisas bem dobradas e colocam uma ao lado da outra na calçada como um mosaico de tecidos, eles estão nas ruas, não saíram delas, na espera(nça) de que alguém passe e compre. 4 (quatro) imigrantes senegaleses moram com M. Somente ele conseguiu fazer a inscrição para receber auxílio emergencial de 600 reais; recebera uma parcela e ela foi distribuída entre todos —com esse dinheiro come-se 2 (duas) vezes por dia—.

2020: ano que se vive as quarentenas. Num dos dias da semana do período de isolamento social, são 7 (sete) os ateliês se fazem pelo WhatsApp, estávamos em 16 que diziam Oi. (inicialmente 40, depois 16 diziam) participantes do coletivo lá:

Um convite: Caso alguém queira participar do grupo de conversação o link é este <https://meet.google.com/?hs=197&pli=1&authuser=0>. Ninguém respondeu.

K. escreveu. Ninguém respondeu.

Um cadastro gratuito: Programa para receber cesta básica gratuita. Ninguém respondeu.

K. escreveu em *why can't people just be nice to me*. Ninguém respondeu.

Um curso *online* de português para se inscrever, ninguém respondeu.

K. pede ajuda para conseguir trabalho para ensinar francês, ele diz: “Fui professor no Haiti na escola básica agora não consigo trabalho como professor no Brasil”.

De 26 de fevereiro a março de 2020 e, até 12 de outubro de 2020, dia da criança, contam-se exatamente 150.506 mortes por covid-19 no Brasil; o mundo entra nesse hiper isolamento: acordado, forçado, coagido, suado, cravado, obrigado, submetido, protocolado ao que se desconhece.

17 (dezessete) indivíduos estão com suspeita de covid-19, no frigorífico, onde K. trabalha faz quase 7 (sete) meses, o mesmo tempo que chegara no Brasil. Todos pararam por duas semanas, mas logo depois estavam de volta. Nestes meses, ele se interessa pelas conjugações de verbo da língua português ou brasileira, como diz. E

volta a questão de estar um pouco amedrontado por ser um matador de porcos. Diz sentir alívio diante dessa parada de duas semanas, porque às vezes sentia que seu lugar não era matando porcos.

15 dos outros setores demitiram muitos. C. prefere escorregar para um assunto tenro e doce, como os dos doces que ele vende na rua, mas nem com os potes de doces é possível se desviar de tamanho sofrimento social. A rua ou na sinaleira tornam-se uma opção de trabalho para não deixar a cidade ou para não deixar o Brasil. Alguns senegaleses passam fome e poucos sabem da língua do país que moram, estes alguns estão dormindo nas calçadas, são os negros senegaleses e haitianos somados à pandemia que prenuncia “os eventos catastróficos a que a branquitude [...] pautada na cosmologia do uno-mercadoria-propriedade, conduz a vida na terra” (Souza, 2020). De panos de pratos a tudo que se pode vender na rua Júlio ou xúlio ou júlio ou jjjúlio ocupada pelos “exus améfricanos” (Souza, 2020).

Possível de uma devir-língua-migrante pela voz

Data: Escape

Dados-fluxo: Agramaticalidade como conceito-operativo

Indivíduos lá: Voz

Há como fazer linhas de escape¹³ (Deligny, 2018) ou linhas de fuga (Deleuze e Parnet, 1998) da pátria da gramaticalidade quando esta cria um império sobre a língua e a torna palavra de ordem a língua portuguesa. Nos ateliês, lá, há a tentativa de fazer linha escape *com* uma língua migrante pela extração de um devir-língua, ou pelos minúsculos e minúcias da voz. A língua, pela voz, suspendeu a palavra de ordem da unidade elementar da linguagem, o enunciado padrão. O enunciado, na transmissão de informações e do estabelecimento de coordenadas semióticas gramaticais produz bases duais sobre a língua, que são impostas a quem a “emite” e para quem a “recebe” como

¹³ Em 26 de dezembro de 1977, Fernand Deligny escreve a Isaac Joseph numa carta sobre suas publicações e diz: «Gilles Deleuze a raizon de dire que ceux qui vivent la ligne de fuite —ligne que j'appelle d'esquive— se retrouvent souvent dans le guerre» (Deligny, 2018, p. 757, tradução nossa). Gilles Deleuze tem razão de dizer que aqueles que vivem a linha de fuga —linha que eu chamo de esquiva— se encontram frequentemente em guerra.

comunicação linear e objetiva. A palavra de ordem, conforme Deleuze e Guattari (2011b, p. 12) pode ser percebida “nos informes do governo da língua, que pouco se preocupam com a verossimilhança ou com a veracidade, mas que definem muito bem o que deve ser observado e guardado.” A palavra de ordem como forma fundamental deste tipo de uso da língua, envolve o comando, a obediência, a afirmação ou a negação - frases pequenas e dotadas de estabelecimento de lugares geopolíticos da voz. Nos ateliês, é feita uma certa esquiva deste ideal despótico comunicação da linguagem e de uso da língua.

A conversação pela tentativa agramatical abre o uso da língua para extração de poética com a língua migrante, para isso, abrem-se encontros com feitura poética a voz. A voz é o órgão da fala, todos os grandes manuais de anatomia humana, mostram tal afirmativa, e se há órgão fonador, a voz tem como função a fala, eis a esquiva para a palavra de ordem gramatical diante da língua majoritária. Não basta tal afirmativa sobre a voz, temos na voz a poética como esquiva de uma língua migrante que se movimenta nos ateliês de conversação e ganha espaço geopolítico de espaço vocal. O aparelho vocal da voz é o privilégio do poder mais precioso da língua, intensidade deste privilégio não se deve a voz, mas aos ruídos geopolíticos saem dos indivíduos. Quando a voz falta, pergunta-se pela sua chegada, entrada e saídas sonoras. O silêncio não silencia a voz, as cordas vocais não faltam para indivíduos de língua negra migrante que estão em conversação.

As cordas vocais como órgãos da voz não deixam de existir mesmo quando o imperativo da linguagem gramatical torna a palavra “pátria do homem” (Deligny, 2015, p. 214). A voz é parte do escape da pátria, talvez, por isso, os senegaleses e haitianos sejam presenças geopolíticas negras. Nos ateliês, por vezes: “Palavra nenhuma, maneira alguma de dizer jamais convirá para expressar em quê ser sem voz pode consistir” (Deligny, 2015, p. 214).

O ruído de língua é extraído pelas singularidades da voz imigrante, percebe-se outro estar com outro, uma possibilidade experimental de fazer língua não pelo pacote da gramática. Este movimento de língua não é uma ode contra o gramatical, uma passeata de abaixo às formas ou uma postagem raivosa contra a variedade padrão das línguas. Investe-se pela linha de esquiva que mostra funcionamentos sem fazer ode a outro, eis

uma das potências do espaço agramatical.

O encontro escorre na própria extração do espaço-temporal-conversaão na medida em que se ocupa em experimentar as minúcias de língua e modo de usos (Deleuze y Guattari 1998) esquivando-se da semiótica linguística. Como se neste tipo de minúsculo pudesse saltar algo de estilo estrangeiro pela situação de bilinguismo com a sua própria língua, o que a faz escorregar sorrateiramente por uma linha de agramaticalidade — não somente sintática — que pode acorrer, principalmente em um giro de significados *assignificantes*.

A agramaticalidade deste tipo de conversaão é tomada como uma extensão de “gagueira” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 94) vocal, um potencial de gagueira na movimentação de intensidades de variação que excedem as regras gramaticais de sua própria língua ou língua padrão. Os movimentos com a língua, nos ateliês, bem assim, ateliês com a língua migrante se tornam espaço de intensidades ao elevar a língua a um grau de variação das partículas de heterogeneidade do encontro pela entrada da voz, encontro semiótico da sonoridade da fala. Assim, há sempre um tipo de sussurro, algo de margem incompreensível, insinuação da resistência a uma língua quando a voz-negra faz o vazamento entre corpos, numa língua que se faz na duração de fala, no tempo de fragmentação sonoras identitárias (eu). Uma semiótica da língua migrante, lá, ultrapassa a força do gramatical: corromper, inquietar, tumultuar, convulsionar, desorganizar, rebelar, revolver, alvoroçar, desassossegar, perverter o representado da verdadeira fonética sonora da língua oficial.

Tem-se uma emergência, nada consciente e menos ainda proposital, de desabitar espaços de palavras pela voz, as necessidades ante a vida que se movimenta migrante e imigrante, aparecendo viva e fragilmente audível. Um funcionamento marcado pelo agenciamento de corpos, fluxo sonoro, línguas emaranhadas de procura do gesto vocal, às vezes inaudíveis, chegadas e partidas, entradas e saídas, funcionamento de conversações flutuantes.

Ah, na tentativa dos encontros, lá, entre-línguas, a língua migra pelo existir efêmero, com afirmação de efeitos de língua pelo ruído da voz *assignificante*. Existência essa que deixa o rastro dos gestos ruidosos como força micropolítica feita pelo agramatical ou poética de uma língua migrante.

A filósofa Almeida (2005) pergunta em determinado momento de seus estudos sobre agramaticalidade: “O que pode essa língua?”, parafraseando-a, de certo modo, queremos tensionar, não dar proporção em pensar os limites de uma língua, nem perguntar onde ela pararia, mas seu limite “a partir do que ela se desenvolve e desenvolve toda a sua potência” (Almeida, 2005, p. 133). A potência, o que ela faz para existir em graus de aumento e de diminuição de fazer existência pela voz pressupõe a diferenciação do que se passa com a língua migrante nos ateliês e, pela escrita desta pesquisa, do possível das linhas de experimentações, lá.

O agramatical entra na língua e o tomamos para os ateliês como processo conceitual-operativo, força de escape às normativas estruturais (ortográficas, sintáticas, fonéticas, etc.), mas também com potência que abre as semânticas entre-línguas (em vocábulos, enunciados, formas estilísticas) pois para a pesquisa “o combate-entre é o processo pelo qual uma força se enriquece ao se apossar de outras forças somando-se a elas num novo conjunto, num devir” (Deleuze, 1997, p. 150). Com os ateliês de conversação, alguns (i)migrantes têm em relação ao conhecimento da língua portuguesa, o uso não convencional, e sim, a(trai)ção de línguas aplicáveis para sua expressão de língua sonora. Há forças ativas que trazem de seus idiomas ou outras línguas para o fluxo de tentar expressar uma devir-língua.

A língua do ateliê é habitada pelo espaço entre-línguas que está sob a constante e tensa movimentação das potências ou devires. Entre-línguas é sempre uma relação de tentativa de expressão que excede/esquiva à representação da língua majoritária, ou dito de outro modo:

[...] há, portanto, várias línguas em uma língua, ao mesmo tempo que todo tipo de fluxos nos conteúdos emitidos, conjugados, continuados. a questão não é “bilíngue”, “multilíngue”, a questão é que toda língua é tão bilíngue em si mesma, multilíngue em si mesma, que se pode gaguejar em sua própria língua, ser estrangeiro em sua própria língua (Deleuze e Parnet, 1998, p. 94).

A conversação agramatical assumida pelo espaço do ateliê, marca pontas de se estar sem sua própria língua; com isso, lá, a língua oficial portuguesa é colocada em língua senegalesa, em língua haitiana e em língua do colonizador; quando se trata de língua “não existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política” (Deleuze e Guattari, 2011a, p. 23). Estar entre-línguas

compreende relações de poder sempre no movimento de estar a(trai)do pela língua oficial. Entretanto, estes sistemas de línguas levadas ao poder por inúmeros desdobramentos geopolíticos sociais, culturais e econômicos não são homogêneos.

Deleuze e Guattari (2011b) sugerem que as línguas se espalham por linhas de escapes e fluxos de maiores ou menores intensidades, evidenciando diferentes picos de variação. A variação atinge graus de rupturas no sistema, criando dialetos, derivando palavras, extrapolando estruturas gramaticais ou sintáticas, voz e sonoridades, ou seja, há agenciamentos na língua que provocam a mudança de natureza em elementos que passam a comportar-se de uma maneira no sistema majoritário, oficial, e de outra em funcionamentos que operam pela invenção de espaços entre-línguas pela necessidade existir diante do escape da dureza das intensidades de uma vida (i)migrante negra faz abertura de existência transitória e mingunte pela voz, constitui a língua migrante, nos ateliês.

Pela língua migrante, feita de agramaticalidade, sempre tem uma variação que excede as regras, há sua emergência em habitar espaços de palavras; as necessidades ante a vida que se movimentava, vida pela efêmera sonoridade fonética. Um funcionamento marcado pelo agenciamento de corpos, fluxo de palavras, conversações flutuantes. A língua abre, multiplica, escorrega, corre, grita, espreita, rouba, trai, vaza, uma língua ainda é pouco! Língua migrante pinga em seus heterogêneos fragmentos de possíveis, saídas por uma voz ruidosa que tangencia um existir (Deleuze e Guattari, 2011b).

Os quês de poética desta língua sonorizada e seu ruído se fazem ao escape ou na borda de um jogo de construções e aniquilações entre a voz faltante (Deligny, 2015) que (sobre)vive ao modo efêmero pelos ecos da voz. A língua precisa encontrar imediatos para transformar os originais reanimar a língua-morta, tensão em primeiro plano, diante da voz, mesmo quando essa, por vezes, se faz faltante. O estado intensivo vivo da língua migrante, uma torção da fonética gramatical, tensiona a conjugação verbal oficial, da voz de uma língua migrante se escuta: *eu falar*.¹⁴

Este é espaço de feitura artesanal entre-línguas como sistema, independente, mais ou menos heterogeneizado, seu funcionamento encontra em limites. Um espaço limitante pode ser o estrato gramatical, as regras normativas que compõem os estatutos de usos de

¹⁴ Retirado do registro de pesquisa dos ateliês de conversação, entre 2019 e 2020.

específicas estruturas sintáticas dentro de um sistema-língua. O limite-escape do *tu* como limite de uma língua migrante não teria somente a gramática como regente. Variados outros limites de uma língua manifestam-se como escapes, sejam as regras, determinadas ao uso de palavras, as variedades de vocabulário oral ou todos esses aspectos em razão do espaço e tempo. Se faz limite-escape quando determinada estrutura já não suporta uma língua que se tornou demasiado forte e (sobre)viva. A constante variação entre-líguas pode tensionar um tratamento na língua que excede às normatividades gramaticais, atingindo uma potência agramatical onde “a língua se torce para recolher os estados intensivos da vida” (Almeida, 1998, p. 14) e (sobre)vida. O limite-escape e a variação se impõem como forças de expressão agramatical, estado intensivo de entre-líguas, pela necessidade de devir existência estrangeiro.

Este tipo de extensão agramatical traçada no território linguístico que ocorre nos ateliês “esquiva-se” da vasão do conteúdo ali disposto – é a força da expressão que se faz por movimentar o conteúdo- da língua migrante. Deleuze (1997) deixando exposto, algum momento, que mais do que somente utilizar vocabulário, o estrangeiro na sua língua tenciona todas as palavras a um nível de devir, que sempre é minúsculo.

O agramatical (Deleuze, 1997) como uma ampla perspectiva sobre linguagem e língua, prevê um tangenciamento dos limite-escape de um sistema semiótico linguístico. A agitação dos graus de potências leva a semiótica linguística (fechada na língua como estrutura gramatical) além dela mesma, porque tensionada, é obrigada a variação como requisito de sistema semiótico aberto valorizado pelos ateliês: o que se fala entre-líguas.

Há, na língua, algo que se esquiva do sistema semiótico linguístico gramatical, ele já não tem funcionamento estável quando estamos entre-líguas. Ele está constantemente em desequilíbrio, agitado pela abertura e se torna próximo de uma semiótica da voz. O aberto não se restringe apenas a uma marca de mudança vocabular, mas por um processo poético de construção de uma linguagem própria para a expressão-existência micropolítica - (sobre)vida ou sobre(vive)-. Como se fosse um tipo de “cromatismo ampliado” de língua, no sentido de pequenos blocos sonoros ao longo da feitura do gesto de voz. Elemento poético da voz nos ateliês que age como corpos saturadores de encontro de conversação aos seus limites (Deleuze y Guattari, 2011b). A poética deste

gesto de voz interrompe os protocolos de organização pela configuração linguageira da gramaticalidade, essa poética se faz operacionalizada no ateliê: “Um conceito de agramatical como movimento de inventividade, de novidade, de imprevisibilidade, de intensidades desconhecidas, de instabilidade criativa imanente, a contaminar toda multiplicidade ou configuração linguageira” (Almeida, 1998, pp. 9-10). Eis uma poética que contamina a fonética gramatical pela lista de nomes próprios, no WhatsApp e no Meet, se faz voz migrante:

Anlly
Arias
Axel
Betsy
Bouso
Cher
Derimar
Diouf
Éxumé
Galvis
Kens
Khadim
Lenel
Mamba
Mawó
Mbaye
Norelly
Rashid
Seny
Tellechea

Zerpa

A língua migrante se faz pelo fluxo da voz e da sonora lista de nomes próprios, ela desestabiliza a língua portuguesa que não tem referente destas palavras-imagem e de geopolítica negra dos continentes Africano-Senegal e América do Norte-Haiti; estes indivíduos são transformações fluidas, há uma “transformação de substâncias e a uma dissolução das formas, passagem ao limite ou fuga dos contornos, em benefício das forças fluidas, do ar, da luz, da matéria, que fazem com que um corpo ou uma palavra não se detenham em qualquer ponto preciso” (Deleuze e Guattari, 2011b, p. 61). Uma lista de línguas sem ponto preciso, os nomes da lista são cromatismos que não dão forma de existência na língua portuguesa ou padrão, suas expressões não têm alcance de imagens para tal língua. Uma lista de nomes próprios que abre o som da língua padrão, abre pelas cordas vocais.

Ao final: Diga-me o que vale?¹⁵

No 1.^a bloco deste artigo científico, identificado como: Antes da pandemia ou a(trai)do pela poética de encontro de uma língua, mostra-se a elaboração do procedimento de pesquisa que se é a(trai)do pelo maneirismo da poética da literatura Tentativa de esgotamento de um local parisiense de Georges Perec (2016) e, movimenta-se a escrita do texto desta pesquisa sobre o tema: cartografia dos movimentos da língua migrante em ateliês de conversação. Sobre o a(trai)do, este sempre se trai. No caso deste procedimento, trai-se 2 (duas) vezes: 1 (uma) quando não se assume a língua do gênero escrita acadêmica como expressão deste resultado de pesquisa e outra quando se abre a escrita deste a uma outra política de texto científico (Costa, 2017) para dar a cena a língua migrante de senegaleses e haitianos, abrindo mais a tentativa de um tipo de escrita acadêmica pela feitura deste procedimento. Assumida tal operação textual, acompanha-se os possíveis de expressão da nossa matéria de pesquisa como graus de potência de vida —poética— pelo espaço de conversação. A pesquisa do método-livro (Costa e Pujol, 2020).

No 2.^a bloco parte do artigo, indicado como: Fluxo dos ateliês de conversação pela marca de uma língua migrante, entra-se num espectro de registros mais diretos de 2 (dois) conceitos operacionalizados dentro da pesquisa: ateliê de conversação e

¹⁵ Escritor Henry Miller (1987).

(i)migrante. Mostra-se como se constituem os ateliês e como a língua ganha espaço geopolítico negro (senegalês e haitiano) de encontros que fazem uma proliferação signos heterogêneos (Deleuze e Parnet, 1998) pela voz. Uma língua migrante se movimenta em devir-língua, lá, e “efetivada num tempo trabalhado de artistagem, que promove minorização e disfarce, duplicidade literária, tela pintada de logros, passos em falso, alucinação de um pensamento que pode ser inconsistente, embora não esteja em desacordo com a realidade” (Corazza, 2019, p. 4) de acepção de voz que maquina na duração da experiência dos ateliês de conversação. Esse trabalho de artistagem pelo maneirismo literário traz a acepção de outra expressão dos dados de pesquisa para o conteúdo dela: língua migrante em uma cidade do sul do país, que se faz entre haitianos e senegaleses, entre professora e educação, lá, nos ateliês de conversação, entre 2019 e 2020, entre pandemia e mortes, entre presencial e síncrono. Deixa-se a natureza da língua portuguesa como signo homogêneo representante do gramatical, como natureza naturalizada da semiótica linguística representante da língua, para movimentar-se pela semiótica em rizoma a(trai)do pelo agramatical ou pela língua em devir, língua essa que abre os possíveis da artistagem de quem toma a língua com o poder da experimentação em conversação.

No 3.º bloco de escrita entra a agramaticalidade como conceito e sua operacionalização na cartografia dos ateliês de conversação, feitura de uma língua migrante que faz esquiva aos poderes da gramaticalidade, com o destaque de possíveis de uma língua-escape. Nos ateliês de conversação de alguns imigrantes têm em relação ao conhecimento da língua portuguesa, o uso não convencional, e sim, a(trai)ção de línguas aplicáveis para sua expressão de língua-que-esquiva. Há forças ativas que trazem de seus idiomas ou outras línguas para o fluxo de tentar expressar uma devir-língua. A língua do ateliê é habitada pelo espaço entre-línguas, que está sob a constante e tensa movimentação das potências, ou devires. Entre-línguas é sempre uma relação de tentativa de expressão que excede/esquiva à representação da língua majoritária. Como se esquivar? Pela voz.

Referências

Almeida, J. (2005). Estudos deleuzianos da linguagem. Campinas, SP: UNICAMP.

- Bedin, L e Pujol, L. B. (2020). *Jogo Da Amarelinha: O método-Livro E Os Modos De Dizer, Sentir E Olhar Uma Cidade*. Revista Educação, Artes E Inclusão, 16 (4), 242-63.
- Corazza, S. M. (2009). O docente da diferença. *Periferia*, 1(1), 91-110. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3422/2348>
- Corazza, S. M. (2019). O direito à poética na aula: sonhos de tinta. *Revista Brasileira de Educação*, 24(7), 1-9. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vbryMCqrWWYkVFdQkJH9QnD/?lang=pt&format=pdf>
- Costa, L. B. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, 7(2), 66-77. Recuperado de https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1
- Costa, L. B. (2017). *Ainda escrever. 58 combates para uma política do texto*. São Paulo: Lumme.
- Costa, L. B., e Pujol, L. (2020). Jogo da amarelinha: o método-livro e os modos de dizer, sentir e olhar uma cidade. *Revista Educação, Arte e Inclusão*, 16(4), 242-263. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/215345/001118558.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1998). *El Anti edipo: capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-textos.
- Deleuze, G., e Guattari, F. (2011a). *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. 2* (Eds. Trads. A. L. de Oliveira e L. C. Leão). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G., e Guattari, F. (2011b). *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. 2* (Eds. Trads. A. L. de Oliveira e L. C. Leão). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G., e Parnet, C. (1998). *Diálogos* (Trad. E. Araújo Ribeiro). São Paulo: Escuta.
- Deligny, F. (2015). A voz faltante. In *O aracniano e outros textos* (Trad. L. Malimpensa) (pp. 211-215). São Paulo: N-1 Edições.
- Deligny, F. (2018). *Correspondance des Cévennes. 1968-1996*. Paris: Les Éditions L'Arachnéen.
- Didi-Humberman, G. (2022, janeiro 13). *Séminaire commun du Cehta/Cral* [Arquivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=5LxL-rYqAp8>
- Eco, H. (2020). *Migração e intolerância* (Trads. E. Aguiar e A. Bonrruquer). Rio de Janeiro: Record.
- Guattari, F. (1987). *A revolução molecular: pulsações políticas do desejo* (Trad. S. Rolnik). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Gudynas, E. (2021). Necropolítica: a política da morte em tempos de pandemia. *Revista IHU*. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/608461-necropolitica-a-politica-da-morte-em-tempos-de-pandemia-artigo-de-eduardo-gudynas>
- Krenak, A. (2020, agosto 26). *O amanhã não está à venda* [Arquivo de video]. Recuperado de <http://www.zendobrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/ailton-krenak-oa>

- Maruju, V. C. P. dos S. (2019). *Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.
- Matos, S. R. L., Castro, R. A., Cavion, C. F., Pacheco, A. V. O., e Rech, R. F. (2020). Escrita e seu combate: a folha em branco. *Linha Mestra*, (41), 122-132. Recuperado de <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/363>
- Miller, H. (1987). *Trópico de câncer* (Trad. A. Arruda). São Paulo: Nova Cultural.
- Pelbart, P. P. (2020, julho 14). *Assombro e Esgotamento* [Arquivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=YMVeEmgX18w>
- Perec, G. (2016). *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* (Trad. I. Barroso). São Paulo: G. Gili.
- Rancière, J. (2010). *O espectador emancipado* (Trad. J. Miranda Justo). Lisboa: Orfeu Negro.
- Souza, T. P. (2020). *Exus e Xapiris: perspectiva améfricana e pandemia*. São Paulo: N-1 Edições.